

Pedagogias e Pedagogos: tessituras de uma práxis de invisibilidade e transformação

Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel¹  Lúcia Martins Giraffa² 

Resumo

O presente artigo discute a natureza do trabalho do pedagogo a partir de uma análise histórica da constituição da profissão, bem como de um olhar crítico sobre os processos de formação no Brasil ao longo dos últimos séculos. Além disso, debate sobre os espaços de atuação profissional dos egressos do curso de Pedagogia, refletindo sobre suas especificidades formativas, singularidade de saberes e campos de inserção profissional para além das instituições escolares. Por fim, são relatados os resultados de uma investigação qualitativa, de natureza aplicada, com finalidade exploratória, realizada com pedagogos da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, Brasil, a respeito de como se percebem e são valorizados/desvalorizados em seu exercício profissional dos pontos de vista social e formativo. Como conclusão, emerge o paradoxo do autorreconhecimento e valorização em termos de conhecimentos e competências específicas em contraposição a um sentimento importante de desvalia e invisibilidade social. Diante de tamanha contradição, é necessário que se reflita sobre as limitações formativas que envolvem o pedagogo, mas, também, que se reconheça a sua condição de singularidade e autoridade quando a ação laboral envolve processos de transformação, ensino e aprendizagem individuais e coletivos.

Palabras-chave: Pedagogia, Formação, Atuação profissional.

Pedagogies and Pedagogues: fabrics of a praxis of invisibility and transformation

Abstract

This article discusses the nature of the pedagogue's work based on a historical analysis of the constitution of this profession, as well as a critical view at the training processes in Brazil over the last few centuries. Furthermore, this paper debates the spaces of professional activity of Pedagogy graduates, reflecting on their training specificities, uniqueness of knowledge and fields of professional insertion beyond school institutions. Finally, it reports the results of a qualitative investigation, from an applied nature, with exploratory purposes, carried out with pedagogues from the public education of the state of Rio Grande do Sul, Brazil, regarding on how they perceive themselves and are valued/devalued in their professional practice in a social and formative view. In conclusion, the paradox of the self-recognition and appreciation in terms of specific knowledge and skills emerges as opposed to an important feeling of worthlessness and social invisibility. Faced with such a contradiction, it is necessary to reflect on the training limitations that involves the pedagogue, as well as recognize their condition of singularity and authority when the labor activity involves individuals and collectives processes of transformation, teaching and learning.

Keywords: Pedagogy, Training, Professional performance.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Passo Fundo, Brasil. E-mail: marcia.correa@sertao.ifrs.edu.br

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Brasil. E-mail: giraffa@pucrs.br

Pedagogías y Pedagogas: tejidos de una praxis de invisibilidad y transformación

Resumen

Este artículo discute la naturaleza del trabajo del pedagogo a partir de un análisis histórico de la constitución de la profesión, así como una mirada crítica a los procesos de formación en Brasil a lo largo de los últimos siglos. Además, un debate sobre los espacios de actuación profesional de los licenciados en Pedagogía, reflexionando sobre sus especificidades formativas, singularidades de conocimientos y campos de inserción profesional más allá de las instituciones escolares. Finalmente, se reportan los resultados de una investigación cualitativa, de carácter aplicado, con fines exploratorios, realizada con pedagogos de la red educativa estatal de Rio Grande do Sul, Brasil, sobre cómo se perciben a sí mismos y son valorados/devaluados en su práctica profesional desde el punto de vista social y formativo. En conclusión, surge la paradoja del autorreconocimiento y la apreciación en términos de conocimientos y habilidades específicos, en contraposición a un importante sentimiento de inutilidad e invisibilidad social. Ante tal contradicción, es necesario reflexionar sobre las limitaciones formativas que involucran al pedagogo, pero también reconocer su condición de singularidad y autoridad cuando la acción laboral involucra procesos individuales y colectivos de transformación, enseñanza y aprendizaje.

Palabras clave: Pedagogía, Capacitación, Actuación profesional.

COMPARTILHANDO A AGENDA

A Pedagogia, aqui compreendida como ciência da educação, desempenha um papel fundamental na sociedade ao investigar e refletir sobre as bases do processo educativo e, consequentemente, sobre o que fundamenta o desenvolvimento humano. Sabe-se, contudo, que a desvalorização desse campo de conhecimento, bem como dos profissionais que nele atuam, representa uma constante. No fio da história da educação e dos processos educacionais e de transformação humana, a Pedagogia paradoxalmente acaba por ser deixada à margem, exercendo um trabalho árduo, porém invisível socialmente quando o assunto é pensar processos educativos articulados à transformação social. Por essas e outras razões, que serão expostas ao longo deste artigo, faz-se necessário refletir de maneira aprofundada sobre o papel e o lugar da Pedagogia e de seus profissionais na contemporaneidade. Para melhor discorrer sobre a temática, este escrito está organizado da seguinte forma: na primeira seção faz-se uma breve reconstrução do surgimento e da evolução da Pedagogia ao longo da história; na segunda seção discute-se sobre os aspectos relativos à formação dos profissionais da Pedagogia, suas especificidades e itinerários constitutivos; na terceira seção aborda-se o *locus* de atuação profissional das pedagogos, levando-se em consideração os cenários escolares e não escolares e a identidade dos profissionais da Pedagogia; na quarta seção discute-se os resultados de uma investigação qualitativa, com finalidade exploratória, realizada com pedagogos da rede estadual de ensino a respeito de como se veem e são vistos no exercício profissional dos pontos de vista social e formativo; e, por fim, na quinta e última seção encaminham-se as considerações finais deste texto.

NAS TRAMAS DA HISTÓRIA: ENTRE LAÇOS E NÓS

O termo “pedagogia” se originou na Grécia e, segundo Franco e Pimenta (2007), etimologicamente significa “a arte de condução de crianças”. Conforme Jaeger (1986), a raiz da problemática pedagógica também seria grega, com origem nos sofistas, que teriam trazido ao plano das ideias, da sua elaboração consciente, o fazer da educação. Roma incorporou o termo e a problemática pedagógica (Scheibe, 2010), trazendo para si a herança pedagógica da Grécia Antiga, profundamente interligada à formação do *ethos* cívico e à preparação dos jovens para a vida pública. Ademais, Platão e Aristóteles, dois dos mais influentes filósofos da época, ofereceram contribuições significativas que moldaram o entendimento da educação. Platão estabeleceu sua Academia em Atenas, partindo do princípio de que a educação visava cultivar tanto o intelecto quanto o caráter. Na obra “A República”, Platão descreveu um sistema educacional ideal, no qual os futuros governantes, os “guardiões”, passariam por um rigoroso “treinamento” que envolveria música, ginástica, matemática e filosofia. Ele acreditava que a educação deveria ser voltada para a formação do homem em sua totalidade com a finalidade de servir ao bem maior da sociedade, promovendo a justiça e a moralidade. Aristóteles, aluno de Platão, também enfatizou a importância da formação moral e intelectual, mas adotou uma abordagem mais pragmática em relação à Pedagogia. Em sua obra “Ética a Nicômaco”, argumentou que a educação deveria cultivar a virtude ética e intelectual, preparando os indivíduos para alcançar a eudaimonia, ou seja, uma vida bem vivida. Aristóteles foi pioneiro no estudo da lógica e de sua aplicação na educação, influenciando as estruturas educacionais que se desenvolveram posteriormente na Europa.

Na Roma Antiga, a educação tinha traços mais pragmáticos e era focada em preparar os jovens para o serviço público e militar. Apesar dessa tendência, a influência da educação grega se manteve e muitos jovens romanos acabavam por estudar literatura, filosofia e retórica com tutores gregos. A Pedagogia romana também enfatizava a retórica e a oratória, consideradas essenciais para a vida política.

Durante a Idade Média, a Pedagogia difundida na Europa era dominada pela Igreja Católica, cujas ações se voltavam ao estabelecimento de escolas catedrálcias e monásticas para ensinar principalmente assuntos religiosos e, em menor grau, as artes liberais – gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, música e astronomia. Obviamente que até então o acesso à educação sistemática era para poucos, já que a apropriação do conhecimento era destinada a grupos específicos que concentravam o poder político e/ou econômico. Nesse período, São Tomás de Aquino foi uma figura central, ao argumentar que razão e fé poderiam coexistir harmoniosamente, influenciando os modos de interconexão entre religião e educação.

No período do Renascimento, a sociedade experimentou um período de renovação cultural e educacional na Europa, caracterizado pelo retorno aos textos clássicos gregos e romanos. Merecem destaque as ideias de Erasmo de Roterdã, educador que promovia os princípios de uma Pedagogia humanista, centrada no desenvolvimento intelectual e moral do indivíduo através do estudo

das humanidades. Ele acreditava que a educação deveria ser acessível a todos e que, por meio dela, seria possível reformar a sociedade de maneira ética e moral. Anos mais tarde, Comenius daria continuidade a essa perspectiva marcando uma reviravolta nas concepções educacionais com sua obra.

A descrição até aqui realizada corrobora com o que Rocha (2002) afirma sobre as raízes do pedagogo enquanto profissional. Para esses autores, a origem dessa profissão se encontra em contextos educacionais históricos, moldados ao longo dos séculos a partir da evolução das sociedades e de suas demandas educativas.

Na antiguidade clássica, a Pedagogia era compreendida como a arte de educar crianças, mas foi durante o Iluminismo que começou a ganhar o contorno moderno, especialmente por meio das obras de Comenius e Rousseau que marcavam a importância da educação para o desenvolvimento humano.

O Iluminismo foi um período de grandes mudanças na maneira de pensar a educação. Jean-Jacques Rousseau e John Locke são exemplos de filósofos cujas ideias desafiaram as noções educacionais anteriores. Locke concebeu a mente como uma “tábula rasa” e enfatizou a experiência sensorial como origem do conhecimento, enquanto Rousseau propôs que a educação deveria se alinhar com o desenvolvimento natural da criança, conforme descrito em seu famoso tratado “Emílio, ou Da Educação”. Note-se que os debates vigentes nesse período da história permanecem em vigor nos dias atuais e se enraízam, ainda que de maneira pouco consciente, nos discursos pedagógicos de professores, gestores educacionais e nos posicionamentos da sociedade em geral.

O século XIX viu o surgimento de teorias pedagógicas que enfatizavam a educação adaptada às necessidades das crianças. Friedrich Fröbel fundou o primeiro “jardim de infância” e desenvolveu uma Pedagogia que enfatizava o jogo como meio essencial para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Maria Montessori, por sua vez, introduziu um método revolucionário que permitia às crianças aprenderem por meio de atividades dirigidas, promovendo a independência e a autoaprendizagem. Conforme Cambi (1999, p. 381), foi nos anos oitocentos e novecentos que

[...] a educação torna-se quase um centro de gravidade da vida social: o momento em que se organizam processos de conformação às normas coletivas, em que a cultura opera sua própria continuidade, em que os sujeitos superam sua própria particularidade (de indivíduos, de etnia, de classe) para integrar-se na coletividade, mas através do qual também recebem os instrumentos para inserir-se dinamicamente neste processo, solicitando soluções novas e mais abertas.

Nesse sentido, o século XX foi marcado pela proliferação de teorias educacionais influentes que modificaram o modo de pensar a educação e a Pedagogia. John Dewey promoveu a ideia de que a educação deveria ser ativamente envolvente, preparando os alunos para a participação democrática. Lev Vygotsky introduziu a teoria sociocultural da aprendizagem, que enfatizava a importância do contexto social e da interação sociocultural no desenvolvimento cognitivo. Jean Piaget foi o responsável pela escola epistemológica construtivista e focou suas pesquisas no desenvolvimento cognitivo de crianças, a partir de uma perspectiva sociogenética. Paulo Freire, patrono da educação

brasileira, criticou as abordagens tradicionais de educação por ele descritas como “bancárias” e propôs uma “pedagogia do oprimido” que enfatizava a educação como prática de liberdade.

No contexto contemporâneo, a Pedagogia continua a ser um campo dinâmico, influenciado por teorias educacionais inovadoras, de natureza multi e intercultural, e transversalizado por desafios locais e globais. A Pedagogia crítica, por exemplo, desenvolvida nas obras de Paulo Freire e Henry Giroux, dentre outras, enfatiza a educação como uma prática de liberdade e uma ferramenta para a transformação social. Além disso, a globalização e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICS) estão tensionando e reorientando as práticas educacionais, de modo que os profissionais da Pedagogia se sentem desafiados a integrar novas ferramentas e métodos para atender às necessidades de uma sociedade em constante mudança. Nesse sentido, também é colocado em xeque o processo de formação da(o) pedagoga(o), tendo em vista que a sociedade se transforma incessantemente e, na sua esteira, também se modificam os processos de ensinar e aprender.

PEGADAS FORMATIVAS: DO ONTEM PARA O HOJE

A formação de pedagogos no Brasil, assim como todo o processo de constituição dessa área de conhecimento, é fruto de uma história rica e complexa, influenciada por diversos fatores sociais, políticos, econômicos, ideológicos e educacionais ao longo dos anos. Vislumbrar essa jornada do ponto de vista histórico é o mesmo que refletir sobre as transformações ocorridas na sociedade brasileira, bem como sobre as mudanças de concepções referentes à educação e à formação de educadores.

Foi com a criação das primeiras escolas normais no século XIX, instituições dedicadas à formação de professores para atuar principalmente no ensino primário, que a formação de pedagogos tornou-se mais estruturada no Brasil. Essas escolas eram influenciadas por modelos europeus e buscavam responder à necessidade emergente de educadores “qualificados” para um país que estava se urbanizando e modernizando. Conforme Nóvoa (2013), a formação de professores se desenvolveu no Brasil, a exemplo de outros países, organizada por três grandes momentos. O primeiro deles, ocorrido até meados do século XIX, é marcado pela ausência de programas de formação e pelo aprendizado profissional alicerçado na prática e observação, subserviente à lógica “mestre e aprendiz”. Em seguida, entre os séculos XIX e XX, passou-se a adotar a lógica de preparação teórica, com a formação se estruturando através das escolas normais. No terceiro momento, a formação docente adquiriu paulatinamente um estatuto universitário, tornando-se independente da profissão.

No início do século XX, especialmente na década de 30, a reforma educacional promovida por figuras como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo ampliou a discussão sobre a formação de professores e a necessidade de uma base teórica sólida aliada à prática pedagógica. Essas reformas foram influenciadas pelas ideias do movimento da Escola Nova, que defendia uma educação mais ativa, centrada no aluno e menos autoritária. De acordo com Gatti *et al.* (2019), no cerne das reformas educacionais da década de 1930 e no contexto das reformas de Estado empreendidas pelo “Estado

Novo”, deu-se a criação do curso superior de educação por meio da organização da Universidade do Brasil (1937), em que constaria a Faculdade Nacional de Educação. Essa faculdade, regulamentada pelo Decreto-Lei nº 1.190/1939, previa a oferta do curso de bacharelado em Pedagogia com duração de três anos, que poderia ser acrescido de um curso de didática com duração de um ano, para obtenção do título de licenciatura. Assim originou-se o conhecido modelo “3+1”, que, predominante por muitas décadas na organização dos cursos de Pedagogia, consagrava a fragmentação entre área de conhecimentos específicos e área de conhecimentos para a docência.

A partir da segunda metade do século XX, particularmente após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961 e suas subseqüentes atualizações em 1971 e 1996, a formação de pedagogos no Brasil passou por reestruturações que, igualmente, não superaram as dicotomias históricas envolvendo conhecimentos específicos e conhecimentos para docência, assim como o debate em torno da identidade profissional do pedagogo. O Parecer CFE nº 252/1969 e, posteriormente, a Resolução CFE nº 02/1969 (Brasil, 1969a, 1969b) trouxeram mudanças profundas na constituição curricular do curso de Pedagogia, estabelecendo um currículo mínimo de 2.200 horas para a graduação e complementação de 1.100 horas para as habilitações, cuja carga horária poderia ser desenvolvida em períodos variáveis. As habilitações de orientação, administração, supervisão e inspeção, além da formação de professores para atuação no ensino normal, foram determinadas pelo artigo 30 da Lei nº 5.540/1968. Conforme Brandt e Hobold (2019), algumas das principais alterações referentes a esse período foram a fragmentação do currículo de formação do licenciado que, organizado por uma base comum correspondente à formação pedagógica, desassociava-se da parte diversificada, cuja função era formar o egresso em algumas das habilitações disponíveis, o que acabava por gerar a formação de diferentes profissionais oriundos do mesmo curso; a fusão entre as tendências de formação generalista e tecnicista; e a possibilidade de escolha pela formação do especialista em orientação, supervisão, administração e inspeção escolar, para as quais não era necessária a experiência do estágio curricular na docência da educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996 consolidou o “ideal” de formação de professores no nível superior, ainda que de maneira preferencial, enfatizando a necessidade de um currículo que abrangesse conhecimentos teóricos e práticos sobre educação, desenvolvimento infantil, teorias e métodos de ensino e gestão educacional. Essas mudanças também foram acompanhadas por uma expansão significativa no número de cursos de Pedagogia e instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, refletindo a demanda crescente por educação em todos os níveis da sociedade brasileira. De acordo com Morellato *et al.* (2020), a formação do pedagogo atualmente envolve uma grande diversidade de áreas que transcendem ao âmbito escolar. Em países como o Brasil, a formação inclui disciplinas que abordam desde a gestão educacional até a psicopedagogia, preparando o profissional para atuar em diversas frentes, desde o ensino básico até a educação corporativa e em espaços não escolares como hospitais e museus.

Conforme os estudos de Gatti *et al.* (2019), a fragmentação do processo de formação do pedagogo ainda é uma realidade, o que se reflete, inclusive, nas próprias diretrizes curriculares do curso de Pedagogia (Brasil, 2006). Além disso, a autora aponta a necessidade de reflexão a respeito de como são implementadas as horas de prática, uma vez que não devem ser definidas como espaços de aplicação unilateral de teorias aprendidas em sala de aula. Tais limitações e desafios possuem uma natureza fundante quando questionados os modelos de formação que vigoram no país. Contudo, além deles, faz-se necessário destacar alguns outros aspectos que, igualmente, merecem aprofundamento, tais quais:

- a) a) Qualidade e Diversidade de Formação: há uma grande disparidade na qualidade dos cursos de Pedagogia oferecidos, enquanto algumas instituições oferecem uma formação mais robusta, outras dispõem de formações marcadas pela superficialidade dos conteúdos e pela falta de um currículo com consistência prática;
- b) b) Adaptação às Novas Tecnologias: a incorporação de tecnologias digitais ao processo educativo consiste em um desafio constante, exigindo dos pedagogos não apenas competências digitais, mas também a capacidade de integrar essas tecnologias de maneira pedagogicamente adequada enquanto meios a serviço dos processos de ensino e aprendizagem;
- c) c) Demanda por Educação Inclusiva: a formação para educação inclusiva é outra área que necessita de atenção dada a crescente e importante demanda por práticas educacionais que atendam equitativamente à diversidade de necessidades de aprendizagem dos alunos;
- d) d) Formação Continuada: o desenvolvimento profissional contínuo é essencial tendo em vista um cenário profissional que está constantemente sendo desafiado por novos achados científicos e mudanças sociais. A formação continuada é crucial para a formação pessoal e profissional dos pedagogos, de modo que possam ir se transformando, crescendo e lapidando o seu fazer ao longo do tempo.

Os desafios que envolvem a formação dos profissionais da Pedagogia refletem de maneira direta os seus possíveis mapas de atuação, que podem e devem ser revistos como não limitados ao espaço escolar, principalmente em uma sociedade que é caracterizada pela complexidade, digitalidade e conhecimento. A seguir, discute-se brevemente os espaços em que egressos da Pedagogia têm atuado justamente pela singularidade da sua formação e dos saberes específicos que a compõem, ainda que sejam fruto de processos históricos de uma formação fragmentada e que carrega consigo um titubeio constante sobre a identidade profissional do seu egresso.

LO LÓCUS LABORAL DOS PROFISSIONAIS DA PEDAGOGIA

Debater sobre os espaços de atuação do pedagogo é um tópico de bastante relevância, tendo em vista a complexidade do mundo do trabalho e dos arranjos produtivos na atualidade. Da Silva Hi-

pólito e Alves (2021) citam que os campos de trabalho para pedagogos são múltiplos e incluem, além das escolas, universidades e centros de pesquisa, instituições culturais e recreativas, empresas, e até órgãos governamentais em que políticas educacionais são elaboradas e implementadas. Segundo os autores, em cada um desses contextos, o pedagogo é fundamental para mediar o conhecimento e a aprendizagem de forma adaptativa e inovadora. Em relação aos espaços escolares, a atuação do pedagogo é essencial para o desenvolvimento de práticas educativas que promovam um ambiente de aprendizagem multi/intercultural e inclusivo. Nesse contexto, o pedagogo historicamente vem desempenhando múltiplos papéis que incluem o de mediador, docente, gestor e pesquisador. O pedagogo como docente e, portanto, mediador do processo de aprendizagem emprega uma variedade de estratégias pedagógicas para atender às diferentes necessidades de aprendizagem dos alunos. Isso envolve a elaboração e adaptação de métodos e recursos de ensino para potencializar o atingimento dos objetivos educacionais propostos e promover, por consequência, a inclusão compreendida aqui numa perspectiva ampla. A personalização do ensino, baseada na observação e avaliação contínua do progresso dos alunos, permite ao pedagogo ajustar as abordagens educativas para melhor atender ao perfil de aprendizagem de cada grupo ou turma. Envolver-se na elaboração e adaptação de currículos é outra área de bastante relevância na atuação dos pedagogos. Esse tipo de trabalho garante que o currículo seja relevante e esteja alinhado com as diretrizes educacionais nacionais e, simultaneamente, com as necessidades locais, integrando novos conteúdos conceituais, procedimentais, atitudinais e factuais, de maneira que vise assegurar que os alunos estejam minimamente preparados para o enfrentamento dos desafios contemporâneos.

O pedagogo também é gestor por excelência, ou seja, desempenha papéis de gestão na sala de aula e, na grande maioria dos casos, na própria instituição escolar. Nesse sentido, pode atuar como coordenador pedagógico na supervisão do planejamento e execução das atividades docentes, na implementação de políticas educacionais institucionais e na promoção da continuidade e coesão pedagógica entre diferentes níveis e anos de escolarização. Ao coordenador pedagógico cabe, em parceria com outros agentes, fomentar um ambiente de colaboração entre professores, incentivando a troca de experiências e o compartilhamento de estratégias de ensino. Nessa mesma perspectiva, merece destaque o olhar pedagógico direcionado ao desenvolvimento profissional dos docentes, o que consiste numa prioridade para o pedagogo que exerce algum tipo de liderança institucional. Por meio da promoção de políticas e práticas de formação continuada, esse profissional trabalha, em articulação com os demais, pela busca constante de qualificação de todos os agentes educativos que compõem o cenário escolar. Acrescenta-se a toda essa gama de possibilidades de exercício profissional, que envolve a docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, o exercício da orientação pedagógica voltada aos alunos e às famílias e a estruturação de práticas inclusivas que atendam às necessidades dos alunos, em especial àqueles com deficiência. Para tanto, envolve-se na adaptação de materiais, na elaboração de estratégias de ensino diversificadas e no exercício de promoção da formação continuada voltada para o contexto inclusivo.

Atualmente, a atuação do pedagogo não se limita aos ambientes escolares tradicionais. Cada vez mais assiste-se a esses profissionais expandindo suas fronteiras no mundo do trabalho e ocupando espaços que anteriormente não eram por eles preenchidos. A reflexão que essa situação impõe recai justamente sobre os saberes específicos da formação em Pedagogia que, ainda que com fragilidades e insuficiências, podem e devem ser levados para diversos setores da sociedade, além dos muros da escola. Percebe-se, pois, a existência da necessidade de que a educação e a capacitação de indivíduos em contextos diversos sejam uma constante em espaços sociais distintos como hospitais, empresas, museus, ONGs e, inclusive, projetos comunitários. De acordo com De Figueiredo, Nunes e Vestena (2023), diversos estudos apontam para a eficácia do trabalho do pedagogo em ambientes não escolares, onde suas competências são essenciais para a construção de programas educativos adaptados às necessidades específicas de cada ambiente. É esse papel expandido do pedagogo que se torna crucial para o desenvolvimento de práticas educativas responsivas aos desafios contemporâneos da educação, cujos espaços de aprendizagem são cada vez mais diversificados e a educação não se restringe ao ambiente escolar, segundo Silva (2019).

A possibilidade de atuação do pedagogo em espaços não escolares, ainda que não reconhecida a contento pela sociedade, demonstra a sua singularidade formativa, bem como o valor intrínseco que reside nos saberes que configuram a sua identidade profissional. É no conhecimento pedagógico por excelência que consiste o valor único dessa profissão, valor este que se expande para todo e qualquer território produtivo que persiga a promoção do desenvolvimento pessoal e profissional humano. Para Silva (2019), o diferencial do pedagogo, em relação a outros profissionais que trabalham com o ser humano, está na sua capacidade de integrar aspectos educacionais teóricos e práticos, com foco no desenvolvimento integral do indivíduo. Essa habilidade o destaca em campos como a educação inclusiva, a educação de adultos e nos programas de aprendizagem empresarial, em que a Pedagogia não se aplica apenas ao ensino, mas também à facilitação do desenvolvimento pessoal e profissional contínuo. O conhecimento pedagógico é uma esfera de saber profundamente integrada e essencial ao desenvolvimento humano, diferenciando-se significativamente de outras áreas relacionadas como a psicologia, a sociologia e a neurociência. Essa distinção não decorre apenas dos conteúdos ou metodologias que emprega, mas também do foco, objetivos e contextos em que é aplicado. O pedagogo, pela apropriação de teorias e práticas educacionais, está singularmente posicionado para promover ensino e aprendizagem, criando e facilitando ambientes que intencionam não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o desenvolvimento de habilidades e competências socioemocionais e cognitivas. De acordo com Janz (2015), o que caracteriza a formação do pedagogo como única e imprescindível para a sociedade é sua preparação para entender e intervir pedagogicamente em qualquer contexto humano no qual a aprendizagem ocorra. Essa formação é embasada na compreensão profunda dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, tornando-os especialistas insubstituíveis na promoção da educação como ferramenta de transformação social. Ou seja, o conhecimento pedagógico específico se distingue do de outras áreas que tratam do desenvolvimento humano por situar o seu centro no processo educativo como um todo dinâmico e multifacetado, visando transformar a sociedade,

o que, por consequência, conduz à máxima de que pedagogos são, em essência, agentes de transformação pessoal e social. Isso quer dizer que é através da Pedagogia que são realizadas mudanças no âmbito individual, porque derivadas de aprendizagem, e no contexto social, pois tem o condão de formar cidadãos para contribuírem ativamente com a sociedade, fomentando a inclusão social e auxiliando na diminuição das desigualdades sociopolíticas e econômicas.

| A PESQUISA

Os resultados da investigação apresentados nesta seção são parte de um projeto de pesquisa maior intitulado “Processos de Aprendizagem na sociedade digital” que tem como subprojeto o estudo “Como aprendem os que ensinam?” voltado ao aprofundamento de modalidades e estilos de aprendizagem de pedagogos. A pesquisa foi orientada a partir de uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e com finalidade exploratória. O objetivo principal dessa primeira etapa investigativa foi compreender mais profundamente as percepções de pedagogos sobre quais conhecimentos específicos da Pedagogia lhes conferiam identidade profissional e como eles percebiam a valorização/desvalorização social da profissão. Participaram como colaboradores da pesquisa doze (12) pedagogos, todos efetivos da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, sendo que quatro (4) exercem atividade profissional na região metropolitana de Porto Alegre e oito (8) no interior do estado. Registra-se, ainda, que o grupo foi composto por dez (10) mulheres e dois (2) homens e todos são servidores estaduais há mais de dez (10) anos.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada aplicada nos meses de fevereiro e março de 2024, de maneira virtual, através da plataforma *Zoom*. Ressalta-se que, com o consentimento dos colaboradores envolvidos, os encontros foram gravados apenas para facilitar a transcrição do material destinado à análise posterior. Conforme já mencionado, as entrevistas foram semiestruturadas e se basearam em duas questões norteadoras, as quais eram: a) Para você, que conhecimentos e competências são exclusivos do pedagogo e demarcam a sua singularidade de atuação em relação aos demais profissionais? b) Como você percebe o valor e o reconhecimento que a sociedade atribui ao pedagogo? Você sente que há valorização, desvalorização ou até desconhecimento sobre a atuação desse profissional?

O roteiro das entrevistas foi validado com quatro (4) pedagogas da rede municipal de ensino de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. As entrevistas tiveram a duração máxima de 45 minutos e mínima de 25 minutos. A análise de dados foi orientada pela análise de conteúdo de Bardin (2009), em que foram levantadas as seguintes categorias:

1. Visão sobre conhecimentos e competências exclusivas do pedagogo;
2. Percepção sobre o “lugar” social da Pedagogia.

Resultados e discussão

Durante a realização das entrevistas, foi possível encontrar muito mais convergências nos posicionamentos dos colaboradores da pesquisa do que divergências. Todos enfatizaram que o conhecimento específico da Pedagogia não se limita a técnicas de ensino ou à gestão educacional, mas engloba uma compreensão profunda do desenvolvimento humano, da psicologia, sociologia e filosofia articuladas às teorias de aprendizagem. Também merece destaque o fato de que dez (10) dos entrevistados sinalizaram o potencial transformador que compõe o perfil do pedagogo, uma vez que a sua ação pode ensejar simultaneamente mudanças individuais e coletivas, o que envolve em essência a construção do pensamento crítico. Todos manifestaram que o pedagogo possui um papel muito diferenciado no mundo do trabalho, que é o de facilitar não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também o desenvolvimento integral do ser humano. Quando solicitados para aprofundarem mais esse tópico, foi destacada a capacidade de integrar aspectos cognitivos, emocionais e sociais no processo educativo, o que conferiria à Pedagogia um lugar distinto e essencial em qualquer contexto em que a educação e/ou processos educativos se fizessem presentes. Esses posicionamentos ratificam a complexidade do fazer pedagógico que, consciente ou inconscientemente, se ampara na perspectiva defendida por Morin (2003) de que o processo de conhecer não é mero reflexo das coisas ou do mundo externo, já que todas as percepções consistem, simultaneamente, em traduções e reconstruções cerebrais baseadas em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Ou seja, invariavelmente na totalidade das oportunidades que ocorre a intervenção pedagógica, testemunha-se uma intenção de transformar a realidade e, ao mesmo tempo, de abrir-se para aprender com os resultados da própria ação. Isso porque se trata de um conjunto de ações intencionais que não são passíveis de controle absoluto, já que lidam com as especificidades e singularidades de cada sujeito, tendo o compromisso de promover a construção da criticidade como princípio. Essa talvez seja uma das grandes forças do trabalho pedagógico que, como diz Morin (2003), deve deixar claro que não há conhecimento que não esteja, de alguma forma, ameaçado pelo erro e pela ilusão. Nessa esteira, agir pedagogicamente envolve caminhar rumo à desconstrução-reconstrução do ser inteiro, aplicando a máxima do posicionamento crítico consciente sobre si próprio e sobre o mundo.

Dos doze (12) pedagogos entrevistados, nove (9) enfatizaram que seu conhecimento profundo sobre os processos de ensino e aprendizagem é o que define a Pedagogia como uma área de especialização distinta. Eles ressaltaram que esse conhecimento transcende ao universo escolar, aplicando-se também em contextos não escolares nos quais ensinar e aprender correspondem a práticas necessárias para o adequado desenvolvimento do ambiente. O conhecimento especializado sobre como as pessoas aprendem e se desenvolvem, de acordo com esses educadores, é fundamental para a transformação individual e social. Os colaboradores dessa pesquisa consideram essa compreensão abrangente como o principal diferencial de sua formação, permitindo-lhes contribuir significativamente para o desenvolvimento de indivíduos e, conseqüentemente, da sociedade como um todo. Tais posicionamentos dialogam com o que já foi exposto na questão anterior, uma vez que,

para todos os pedagogos entrevistados, o processo de aprendizagem segue uma lógica constante de construção e (des)construção. Isso corrobora com os estudos de Morin (2003) que apontam para a pertinência de um conhecimento quando ele é construído de forma contextualizada, garantindo que haja atribuição de sentido por parte dos sujeitos envolvidos no processo. Com relação a esse aspecto, os pedagogos entrevistados manifestaram um olhar integrado e situado para os processos de aquisição do conhecimento, em ambientes escolares ou não, mantendo o posicionamento de que o olhar sistêmico para este último seria uma diretriz importante a seguir. Para eles, a fragmentação dos objetos cognoscíveis frequentemente praticada por diversas áreas acadêmicas que também formam licenciados consiste em grande prejuízo para a formação do homem em sua totalidade, também no que tange aos tópicos da diversidade e complexidade.

Ademais, merece destaque a percepção de todos os colaboradores da pesquisa quanto ao entendimento de que a formação do pedagogo engloba, de forma transversal, o conceito de ser humano, do seu destino e natureza, como uma unidade que funde historicidade, singularidade, diversidade, coletividade e cultura de modo absolutamente indissociável. Desse ponto de vista, o profissional da Pedagogia é aquele que tem no fomento do processo de aprendizagem em cenários diversos o potencial de ser determinante para que movimentos de transformação aconteçam. A razão que fundamenta tal argumento é justamente reconhecer que o binômio ensino-aprendizagem consiste na semente essencial de toda e qualquer mudança que se queira e se possa operar sobre o mundo e sobre si próprio. Para o bem ou para o mal, quem se aprofunda nos elementos teórico-práticos que sustentam esse poderoso binômio tem nas mãos ferramentas poderosas para se autorregular e auxiliar na regulação do próprio meio, ou seja, existe um poder natural, inerente à profissão, que é justamente o de alterar o *status quo* vigente, seja ele em nível individual ou social. Não é por acaso que historicamente no Brasil e em outros países considerados em desenvolvimento diminui-se a todo custo o “lugar social” do pedagogo e dos professores em geral. Cargas horárias de trabalho excessivas são impostas como condição para a sobrevivência, já que, a título de exemplo, se o exercício da atuação docente ou pedagógica se resumir a 20 horas semanais (desconsiderando-se que para estar à frente de uma ou mais turmas é necessário cuidadoso e detalhado planejamento), a remuneração recebida não faz jus a todo o trabalho intelectual, emocional e, muitas vezes, braçal envolvido. É muito interessante ater-se um pouco mais a esse tema e compreender que, para enfraquecer uma profissão naturalmente poderosa e, por consequência, perigosa no que se refere a quem detém a posse sobre os meios de produção, é preciso desvalorizar socialmente o seu fazer. Igualmente, consiste em importante estratégia debilitar o exercício do próprio poder profissional em si para que o cansaço, as exigências naturais do trabalho em si, a falta de reconhecimento da sociedade, a ausência de condições materiais para o acesso a bens culturais e a condições mais dignas de vida acabem por açoiar o cotidiano do pedagogo e dos professores em geral, levando-os a um sentimento de menos valia e a uma espécie de cansaço crônico cujo destino é um só: perder-se e esquecer-se do poder intrínseco ao exercício da Pedagogia.

Para além do que foi anteriormente debatido, um dos aspectos que mais chamou atenção nas entrevistas realizadas foi o olhar apurado que os pedagogos explicitaram sobre a complexidade humana e sobre como se veem, de certa forma, mais preparados que outros profissionais para lidarem com tal fenômeno. Como afirma Morin (2003, p. 15), “[...] o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico”. Ao interagir com o conteúdo das entrevistas, fica muito claro que os colaboradores da pesquisa reconhecem a unidade identitária comum aos seres humanos, ao mesmo tempo em que são cientes da sua diversidade e complexidade. Também é preciso assinalar posicionamentos adicionais, destacados por 4 (quatro) pedagogos, e não por isso menos relevantes, que convergem na ideia de que o ser humano possui responsabilidade com a vida numa perspectiva mais ampla, em nível planetário. Nesse sentido, corroboram com o que, novamente, salienta Morin (2003) sobre a necessidade de que se compreenda o caráter humano no mundo, como a condição do mundo humano que, no desenrolar da história moderna, se tornou a circunstância da era planetária, da própria sobrevivência da e na terra. Ainda em se tratando da complexidade humana e do seu manejo, 6 (seis) pedagogos fizeram menção à capacidade que os profissionais da Pedagogia acabam adquirindo, pela natureza das suas funções, para lidar com urgências, imprevistos e imprevistos. Tardif (2002) destaca que, na maioria das vezes, os professores precisam tomar decisões e desenvolver estratégias de ação em plena atividade, sem que possam se apoiar num “saber-fazer” técnico-científico que lhes permita controlar a situação de maneira absoluta.

Quanto à percepção, valorização e reconhecimento dos saberes específicos da profissão pela sociedade em geral, os entrevistados expressaram um certo descrédito e manifestaram sentimentos de frustração. Foi unânime a manifestação de que a sociedade frequentemente compreende mal ou subestima a complexidade e a importância de seu trabalho. Quatro (4) dos entrevistados relataram que frequentemente a Pedagogia é vista somente como docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sem reconhecimento do seu papel fundamental na supervisão e orientação escolar, assim como em ações que envolvam a implementação de práticas pedagógicas inovadoras. Dez (10) dos doze (12) entrevistados manifestaram que sentem falta de reconhecimento social pelo trabalho que realizam e que isso interfere negativamente na sua autoestima. Além disso, entendem que os baixos salários também são uma forma de comunicar a desvalorização da profissão. Na esteira dessas percepções é possível inferir a ausência proposital de conhecimento minimamente aprofundado da sociedade sobre o que, de fato, consiste o exercício da Pedagogia e, em última instância, da Educação. Tal fenômeno recai necessariamente sobre a reflexão em torno dos valores sociais, ou, em outras palavras, sobre o que realmente vale para a sociedade. Valorizar a educação em discursos superficiais produzidos na época eleitoral é sinônimo de retórica vazia. Igualmente, perseguir os profissionais da educação porque defendem o território do pensamento crítico sob o argumento de que realizam inculcação ideológico-partidária é sinônimo de replicar práticas ditatoriais como arma de desmoralização dessa mesma coletividade. Urge, pois, a necessidade de educar profundamente a sociedade sobre o impacto que a educação exerce e pode exercer na formação humana, cujos efeitos são e serão sentidos por décadas em todos os âmbitos em que exista vestígios da ação do ser humano. Nesse sentido, há que se compreender e praticar o que Morin (2003) define como sendo a missão

espiritual da educação, conceituada como o processo de ensinar a compreensão entre as pessoas enquanto condição e garantia da solidariedade moral e intelectual da humanidade, uma vez que, a despeito dos avanços das tecnologias digitais da informação e da comunicação, permanece a incompreensão tanto no plano individual como entre culturas e povos de origens culturais distintas.

Em síntese, ainda que se trate de um estudo em andamento, os dados obtidos revelam uma discrepância significativa entre a percepção interna dos pedagogos sobre o valor de sua profissão e o seu reconhecimento externo. As respostas sobre o que constitui o conhecimento específico da Pedagogia revelaram uma visão compartilhada de que esse campo abrange muito mais do que métodos e práticas de ensino, seu conhecimento inclui uma compreensão aprofundada do desenvolvimento humano, teorias de aprendizagem e estratégias para promover transformações individuais e coletivas. O conhecimento da Pedagogia, para eles, permite uma abordagem integrada do estudo da ciência da educação, considerando os aspectos emocionais, sociais e cognitivos do desenvolvimento humano. Tal entendimento amplo é o que confere aos pedagogos um “lugar único” no mundo do trabalho, permitindo-lhes contribuir não apenas para o desenvolvimento acadêmico, mas também para a promoção do desenvolvimento pessoal, social e planetário. Esses achados remetem ao que postula Tardif (2002) quando trata a Pedagogia também como “tecnologia da interação humana” que coloca em evidência, simultaneamente, a questão das dimensões epistemológicas e éticas, apoiadas em uma visão de mundo, de homem e sociedade. Nesse sentido, a prática pedagógica em si envolve uma dinâmica própria, que congrega o exercício do pensamento reflexivo, uma visão política de cidadania e que integra, de alguma forma, arte, cultura, valores e interação, propiciando que juntos trabalhem em favor da recuperação da autonomia dos sujeitos e de sua ocupação no mundo de forma significativa.

A despeito da importância que atribuem à sua profissão de maneira individualizada, os entrevistados expressaram um importante grau de desconforto quanto à forma como a sociedade compreende e valoriza seus saberes específicos. A pesquisa ora descrita revelou um sentimento de invisibilidade e desvalorização em relação à Pedagogia e aos pedagogos. Os participantes destacaram que, frequentemente, seus papéis são mal compreendidos e subestimados, o que se reflete em desafios profissionais diários, incluindo falta de apoio, recursos inadequados e remuneração insatisfatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu realizar um breve panorama da história, formação, campos de atuação e percepções de pedagogos quanto à natureza do exercício profissional da Pedagogia, seus diferenciais de atuação, bem como ao modo que se sentem vistos e reconhecidos pela sociedade.

As reflexões aqui encaminhadas acenam para a necessidade de que se reveja o processo de formação do pedagogo, em especial naquilo que envolve a fragmentação dos conhecimentos trabalhados, mas, ao mesmo tempo, de que se reconheça as especificidades formativas desse pro-

fissional que tem na aprendizagem humana individual e coletiva o seu principal objeto de trabalho. A despeito da desvalorização social existente em relação a essa categoria profissional, há que se reconhecer suas potencialidades de atuação e contribuição em espaços que transcendem às instituições escolares, assim como a especificidade de suas competências quando o assunto é a promoção da transformação humana que, ressalta-se, só acontece em decorrência de um processo educativo, seja ele sistemático ou não.

A problematização do poder intrínseco que transversaliza a profissão também foi pauta das reflexões aqui desenvolvidas. É urgente que os processos formativos invistam na tomada de consciência dos estudantes de Pedagogia para que sejam capazes de, mesmo diante de situações e contextos adversos, não abdicar do poder genuíno de transformação que tem caráter único no exercício profissional da educação. Para tanto, é fundamental que a formação invista na reflexão sobre os sentidos e as identidades que povoam o fazer do pedagogo, de modo que se construa um aparato interno consistente sobre o que representa o pedagogo, de forma que assumam sem ingenuidade esse caminho profissional e empreendam nas batalhas que precisarão ser travadas. Nessa esteira, tendo Rubem Alves como inspiração, é preciso articular a luta constante com a utopia indelével de que educar é, precipuamente, mostrar a vida a quem nunca a viu, expandir olhares, promover enriquecimento interior, contribuir para que seja possível sentir mais, fascinar-se com o mundo e construir-se sem o fardo dos estereótipos que apenas escravizam e limitam o desenvolvimento humano.

Merece atenção, ainda, o sentimento de invisibilidade e desvalorização que acomete a totalidade dos colaboradores da pesquisa, demonstrando que a aparente indiferença ou desconhecimento relacionado à complexidade do fazer desse profissional aponta para a necessidade de um processo de sensibilização e educação da própria sociedade. Isso porque, na medida em que a coletividade ignora o conjunto de papéis que um pedagogo pode e deve realizar em âmbitos diversos, fica claro o quão distante se está de um olhar que verdadeiramente valorize a educação e os processos educativos como bens públicos, necessários a todo e qualquer processo de desenvolvimento humano, seja ele individual ou coletivo.

Por fim, encaminha-se a reflexão de que um cenário paradoxal envolve a atuação e a formação do pedagogo. Não há um caminho único de itinerário formativo, o exercício profissional deve inspirar quem pensa e é responsável pela elaboração dos cursos de graduação em Pedagogia, o diálogo com a sociedade deve ser compromisso de quem zela pela educação de qualidade no país, assim como a constituição e a consolidação de associações, organizações em prol da valorização e do esclarecimento social sobre a identidade multifacetada do profissional da Pedagogia são medidas indispensáveis para que a situação de invisibilidade e desvalorização possa ser mitigada.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRANDT, A. G.; HOBOLD, M. S. Mudanças e continuidades dos marcos legais do curso de

Pedagogia no Brasil. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 5, e019027, 2019.

BRASIL. Conselho Federal de Educação (CFE). **Parecer nº 252, de 11 de abril de 1969**. Estudos pedagógicos superiores: mínimos de conteúdo e duração para o curso de graduação em Pedagogia. Relator: Valmir Chagas. Documenta, Brasília, DF, n. 100, p. 101-117, 1969a.

BRASIL. Conselho Federal de Educação (CFE). **Resolução nº 2, de 11 de abril de 1969**. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização do curso de Pedagogia. Documento, Brasília, DF, n. 100, p. 113-117, 1969b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Resolução CNE/CP 1/2006**. Diário Oficial da União, Brasil, 16 de maio de 2006.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DA SILVA HIPÓLITO, I. B.; ALVES, F. I. B. M. A Atuação do Pedagogo dentro do Ambiente Hospitalar: O Papel do Pedagogo além da Sala de Aula. **Revista de psicologia**, v. 15, n. 57, p. 757-768, 2021.

DE FIGUEIREDO, N. S. B.; NUNES, J. F.; VESTENA, R. F. Formação docente no contexto pandêmico: ações didáticas com tecnologias digitais e espaços não escolares. **Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 6, n. 1, p. 23-48, 2023.

GATTI, B. A. *et al.* **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília, DF: Unesco, 2019.

FRANCO, M. A. S.; PIMENTA, S. G. Pedagogia: dall empiria verso la scienza. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 130, p. 247-255, 2007.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

JANZ, L. A. T. **Legitimidade e Reconhecimento do papel do pedagogo no processo de formação continuada dos professores da educação de jovens e adultos**. 2015. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal do Paraná, 2015.

MORELLATO, J. L. H. *et al.* A atuação do pedagogo nos espaços não escolares no município de Campos dos Goytacazes, RJ. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 10, n. 27, p. 63-83, 2020.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação no futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

NÓVOA, A. Nada substitui um bom professor: propostas para uma revolução no campo da formação de professores. *In*: GATTI, B. *et al.* Por uma política nacional de formação de professores. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 199-210.

ROCHA, U. **História, currículo e cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHEIBE, L. Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n.

112, p. 981-1000, jul-set. 2010.

SILVA, F. T. **Pedagogia e formação de pedagogos no Distrito Federal**: reflexões curriculares. Curitiba: Editora Appris, 2019.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

COMO CITAR — APA

Villarroel, M. A. C. U., & Giraffa, L. M. (2024). Pedagogias e Pedagogos: tessituras de uma práxis de invisibilidade e transformação. *PARADIGMA, XLV*(Edición Temática 1), e2024008. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024008.id1553>

COMO CITAR — ABNT

VILLARROEL, Márcia Amaral Corrêa Ughini; GIRAFFA, Lúcia Martins. Pedagogias e Pedagogos: tessituras de uma práxis de invisibilidade e transformação. **PARADIGMA**, Maracay, v. XLV, Edición Temática, n. 1, e2024008, Set., 2024. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024008.id1553>.

HISTÓRICO

Submetido: 22 de marzo de 2024.

Aprobado: 29 de junio de 2024.

Publicado: 30 de septiembre de 2024.

EDITOR

Fredy E. González 

ARBITROS

Dos árbitros evaluaron este manuscrito y no autorizaron la publicación de sus nombres